

Um conceito para sanar a invisibilidade dos processos sociais sobre as mídias

Mayra Rodrigues Gomes

A Sociedade Enfrenta sua Mídia. Dispositivos sociais de crítica midiática, de José Luiz Braga. São Paulo: Paulus, 2006; 350 pp.



Resumo: José Luiz Braga, nesta recente publicação, propõe um terceiro conceito, além dos de sistemas de produção e de recepção, que possa responder aos anseios por uma melhor compreensão das atividades do campo social em relação às mídias e seus produtos. Estas são pensadas, a partir do conceito de *sistema de circulação interacional*, como um trabalho dinâmico em que produtores e produtos são reconfigurados.

Palavras-chave: sistema interacional; circulação na cultura; processos comunicacionais

Abstract: A concept to reverse the invisibility of social processes about the media – José Luiz Braga, in this recent publication, proposes a third concept, besides the ones of production and reception systems, to promote a better comprehension of the social field activities in relation to the media and its products. These activities are conceived, from the view point of the interaction circulation system, as a dynamic work in which producers and products are remodeled.

Key words: interaction system; circulation in culture; communication processes

José Luiz Braga parte da concepção de que os dois subsistemas, de produção e recepção, eixos tradicionais das reflexões sobre as mídias, apesar de reavaliados, sob diversos e pertinentes vieses, e compreendidos como insuficientes para dar conta das complexas inter-relações que se tecem no campo social, persistem, como automatismo, nas ponderações sobre comunicação.

Procura superar essa persistência com a proposta de um terceiro subsistema que, em vez de reforçar o dualismo entre mídia e sociedade, com o qual a mídia sempre assume a posição dominante, traga a compreensão de que a sociedade atua como produtora em pé de igualdade com os meios de comunicação e seus produtos.

Os estudos de recepção têm direcionado sua atenção às transformações operadas no momento mesmo em que ela ocorre, levando em conta que esta se dá sobre plataformas de antemão dimensionadas, como a de nichos sociais ou a de identidades culturais. Contudo, esta anuência em relação ao papel do campo social no momento da recepção não é suficiente para cobrir uma miríade de novas interações, suscetíveis de reorganizar, concomitantemente, mídia e produto.

Subentende-se, assim, que a recepção, para além das noções de resposta ou de interpretação, exerce um papel ativo de redimensionamento, redirecionamento e ressignificação dos produtos a que se refere. É inseparável deste novo entendimento a concepção de que as mensagens mais abrangentes correspondem a respostas igualmente “diferidas e difusas”.

A hipótese de um terceiro subsistema, proposto pelo autor em pesquisas no decorrer dos últimos anos, só encontra sustentação e operacionalidade no momento em que se cria um conceito correlato. O *sistema de interações sociais sobre a mídia* se exerce como parte integrante dos sistemas de produção e recepção. Enquanto momento posterior à recepção, remete-nos ao ponto em que as propostas da mídia se reconfiguram, retomando os anteriores subsistemas, de forma a também abarcá-los nessa reconfiguração.

Enfim, o *sistema de circulação interacional* é definido pelo autor como “Movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia” (Braga, 2006:28).

Ora, um conceito encontra sua operacionalidade, no presente caso identificável por seu potencial de reflexão sobre a especificidade do papel social em relação à produção midiática, justamente ao isolar um campo e convidar nosso olhar a um exame das ocorrências sob uma ótica precisa. Para este efeito, além de sua definição, é necessária sua caracterização em relação aos subsistemas com que se compõe, e a que também se opõe, como diferenciado; é ainda necessária a delimitação das relações implicadas por sua própria posição sistêmica.

Assim, em face da dimensão unidirecional, suposta no modelo produção-recepção, a circulação é pensada como posterior ao imediatismo da recepção, enquanto envolve inúmeros processos de “reedição” do recebido. Para maior clareza, o autor preocupa-se em estabelecer uma distinção entre circulação, entendida como circulação de bens de consumo, em seu viés econômico, que dá respaldo à concepção unidirecional, e circulação na sociedade, entendida como aquilo que a sociedade faz com as mídias e seus produtos, no âmbito de um “trabalho social dinâmico”.

Outra etapa de esclarecimento do conceito diz respeito à palavra “sistema”, terminologia que se consagrou, em sua referência ao campo social, com

conteúdos semânticos de contornos específicos. À noção de sistemas estruturais, que comporta institucionalizações e organizações definidas, contrapõe-se a noção de sistemas processuais, que comporta atividades. Estes últimos tanto geram estruturas quanto são a forma de atualização das estruturas formais.

Um sistema processual, idéia com a qual o autor se propõe doravante trabalhar, deve ser pensado na complexidade de suas articulações, que abrangem relações sociais já entrelaçadas, assim como aquelas que se alimentam das mídias e as retroalimentam. Um sistema processual diz respeito, sobretudo, ao fluxo entre subsistemas e à possibilidade de compreendê-los enquanto referenciados a um patamar que lhes é comum, embora isso implique, ao mesmo tempo, a presença de diferentes processos de interação social. As ações exercidas pela sociedade sobre a mídia constituem processos e se revelam “contrapropositivas, interpretativas, proativas, corretoras de percurso, controladoras, seletivas, polemizadoras, laudatórias, de estímulo, de ensino, de alerta, de divulgação e de venda etc.”.

É proposta central do livro que tais interações sociais sobre as mídias possibilitem a ampliação da compreensão do campo comunicacional. Ao mesmo tempo, que ofereçam um ponto de observação da intervenção crítica e de seu potencial de estímulo a processos midiáticos “de modo socialmente responsável e relevante” (Braga, 2006:42). É por este motivo que o autor manifestará seu maior interesse pelos processos relacionados às ações de crítica, de estímulo de aprendizagem, de controle social da mídia e de interpretação proativa.

Seguindo este propósito, trabalhos críticos são examinados sob o pressuposto de que constituem processos de resposta e de que não podem ser vistos como advindos de uma posição extramidiática. Ainda que sejam colocados por personagens do universo acadêmico, esses trabalhos devem ser pensados em sua propriedade dinâmica com relação à mídia. Sob esse aspecto, embora vezes autorais sejam identificadas em ambos os casos, duas modalidades de crítica são consideradas: a crítica acadêmica e a especializada.

Para as duas modalidades, são selecionadas produções sobre as quais se trabalha a título de exemplificação e de demonstração o conceito de *sistema de circulação interacional*. Assim, são objeto de teste e de reflexão a coluna de Bernardo Ajzenberg, enquanto *ombudsman* da *Folha de S. Paulo*, a coluna Conselho do Leitor da *Zero Hora*, e o site Observatório da Imprensa. Entre outras referências, todas estas produções são vistas sob a perspectiva da crítica especializada. Acresce-se a análise de três livros que discorrem sobre a mídia, sob perspectivas diferenciadas: *A arte de fazer um jornal diário*, de Ricardo Noblat, *O jornalismo nos anos 90*, de Luís Nassif, e *A televisão levada a sério*, de Arlindo Machado.

Ao final deste trajeto, o autor ressalta a potencialidade de uma agonística social cujo fundamento não reside nos dispositivos críticos *per se*, ainda que

múltiplas vozes aí se façam ouvir, mas habita os processos de circulação interacional que foram mostrados na obra.

Não podemos, no espaço reservado a uma resenha, cobrir todas as trilhas, com suas nuances, instaladas e percorridas pelo autor. Não podemos dar conta de toda a densidade e riqueza da obra sem prejuízo de sua coerência. Podemos, entretanto, ressaltar a operacionalidade do conceito proposto, que pode ser testemunhada nas diversas análises apresentadas.

Entre o que podemos, ou não, resta o que devemos assinalar. Gilles Deleuze que, ao longo de sua obra, explorou minuciosamente a caracterização, aplicabilidade e extensão dos conceitos, ressaltando o papel destes na história do pensamento humano. Ele nos diz, em diversos momentos, que toda atividade reflexiva, ou mais particularmente o exercício filosófico, consiste na criação de conceitos com os quais possamos enfrentar as dificuldades teóricas com que nos confrontamos. Descortinando perspectivas de conhecimento, panoramas de hipóteses e espaços de experimentação, é esse o trabalho que realiza José Luiz Braga.

MAYRA RODRIGUES GOMES é professora doutora da ECA-USP e autora de vários livros, entre os quais *Jornalismo e Ciências da Linguagem*. mayra@sdev.com